



DCO

QUARTA-FEIRA



Esquerda convoca atos pela canonização do TSE

Existe defesa da democracia com a Febraban e a Fiesp?

LEIA NA PÁGINA A2

Candidata ao governo de MG

Lourdes do PCO:
"estamos nos
preparando para
a revolução"



Lourdes Francisco é professora e ex-militante do Movimento dos Atingidos por Barragens. - Foto: PCO

LEIA NA PÁGINA B1

PCO
PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA

- facebook.com/pco29
- instagram.com/pco.29/
- twitter.com/PCO29
- youtube.com/CausaOperariaTV
- pco.sorg@gmail.com
- tel./wp: 11 99741-0436

FILIE-SE AO PCO:
PCO.ORG.BR

Perseguição judiciária Prisão de Cristina Kirchner, a nova etapa do golpe na Argentina

Usar o judiciário para controlar o executivo tem sido uma prática constante desde o golpe em Honduras. Vimos isso no Brasil. Na Argentina, o modo de operação é o mesmo

**Redação da
Editoria de Política**
DCO

A perda de poder do imperialismo é notória desde a crise anterior a que vivemos hoje e que se iniciou em 2008. A anterior, que ocorreu na década de 70 do século passado, obrigou fortes intervenções nos países de desenvolvimento atrasado

localizados ao sul da linha do Equador como América Latina, África, Oriente e Ásia. Essas intervenções ocorreram com a derrubada de governos por golpes de estado, implantando ditaduras sangrentas que foram patrocinadas por Washington, Otan e seus aliados na Europa. Hoje todos minimamente informados sabem desses processos. A crise atual é mais intensa ainda, e

o remédio aplicado é o mesmo. Derrubada de governos nos mesmos lugares para colocar outros que são mais ligados umbilicalmente ao imperialismo. É o caso do Lula e do PT no Brasil, da Cristina Kirchner na Argentina, Rafael Correa no Equador, e a lista segue em El Salvador, Peru, Honduras, Nicarágua, Cuba, Venezuela, etc. etc. etc.

LEIA NA PÁGINA A3



Cristina Kirchner e Lula, dois políticos perseguidos pelo imperialismo pelas fraudes judiciais. - Foto: Reprodução - GGN

Menos Papa Francisco, mais Daniel Ortega

Na última semana, Rolando Álvarez, bispo de Matagalpa, foi preso pela Polícia Nacional da Nicarágua sob a investigação de ataques golpistas contra o país. A polícia informou que ele foi levado à capital e está sendo mantido sob "guarda domiciliar" com acesso à família. Nesta segunda-feira (22), o Papa Francisco fez uma declaração afir-

mando estar "preocupado" com a situação política nicaraguense, condenando a prisão de Álvarez. "Acompanho de perto com preocupação e dor a situação criada na Nicarágua que envolve pessoas e instituições [...] Quero expressar minha convicção e desejo de que, por meio de um diálogo aberto e sincero, ainda é possível encontrar as bases

para uma convivência respeitosa e pacífica", afirmou o Papa. Historicamente, a Igreja Católica, na Nicarágua, desempenhou um papel profundamente reacionário. Foi fiel apoiadora da ditadura terrorista de Anastasio Somoza e, nos anos 80, atuou para derrubar a revolução sandinista.

LEIA NA PÁGINA A2

É a regra
Nas eleições,
"fake news" é
regra e fascista
vira comunista

Um dos candidatos ao governo de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), se "comprometeu" a isentar do pagamento de impostos a população em situação de extrema pobreza que vive no Estado. Isso mesmo, não foi Edson Doria (PCO) que cunhou esta frase, foi nada mais nada menos que o representante dos bancos e do imperialismo.

LEIA NA PÁGINA B2

Candidato indígena do PCO "Chega de genocídio, chega de assassinato, chega de massacre"

Na manhã desta terça feira (23), o candidato do Partido da Causa Operária ao governo do Estado do Mato Grosso do Sul concedeu uma entrevista para a imprensa local, o Diário Digital, no programa Balanço da Manhã. Magno de Souza, respondeu várias perguntas feitas pela entrevistadora Veruska Donato. Se-

gundo ele, ter sido escolhido pelo PCO para representar o partido nas eleições de 2022, é "uma surpresa muito agradável".

Representante não apenas do PCO, mas de todos os povos indígenas brasileiros, Magno de Souza comentou os assassinatos de índios no MS.

LEIA NA PÁGINA A4



Magno de Souza, indígena guarani-caiouá de Dourados. - Foto: Reprodução

EDITORIAIS



Menos Papa Francisco, mais Daniel Ortega

Na última semana, Rolando Álvarez, bispo de Matagalpa, foi preso pela Polícia Nacional da Nicarágua sob a investigação de **ataques golpistas** contra o país. A polícia informou que ele foi levado à capital e está sendo mantido sob “guarda domiciliar” com acesso à família.

Nesta segunda-feira (22), o Papa Francisco fez uma declaração afirmando estar “preocupado” com a situação política nicaraguense, condenando a prisão de Álvarez.

“Acompanho de perto com preocupação e dor a situação criada na Nicarágua que envolve pessoas e instituições [...] Quero expressar minha convicção e desejo de que, por meio de um diálogo aberto e sincero, ainda é possível encontrar as bases para uma convivência respeitosa e pacífica”, afirmou o Papa.

Historicamente, a Igreja Católica, na Nicarágua, desempenhou um papel profundamente reacionário. Foi fiel apoiadora da ditadura terrorista de Anastasio Somoza e, nos anos 80, atuou para derrubar a revolução sandinista.

Nesse sentido, as acusações do regime Ortega contra ela, de que estaria organizando grupos violentos para desestabilizar o Estado nicaraguense, não são nem um pouco estranhas. Afinal, isto já foi feito no passado.

De maneira geral, a Igreja Católica possui uma forte influência sobre o governo sandinista que, por exemplo, capitularam frente a essa pressão e não aprovaram a legalização do aborto no país. E isso é algo que permanece até os dias de hoje com a chamada “união nacional” que Ortega, ao voltar ao poder em 2007, fez com as igrejas.

Essa ligação é tão forte que, muitas vezes, os sandinistas referem-se à sua ideologia como um “socialismo cristão”, apelando para símbolos e mitos religiosos e moldando partes do regime para agradar a Igreja.

Mesmo assim, como representante do imperialismo, a Igreja Católica não quer Ortega no poder justamente porque ele representa uma força nacionalista – anti-imperialista – na Nicarágua. Não é à toa que a Igreja apoiou a tentativa de golpe de 2018 e, até agora, como vem

denunciando o regime nicaraguense, tenta desestabilizar o governo do país.

Acima de qualquer coisa, a declaração de Francisco serve para jogar lenha na fogueira da campanha de que Daniel Ortega e, de maneira geral, os sandinistas, seriam ditadores. Campanha encabeçada, em primeiro lugar, pela imprensa imperialista que aproveitou a colocação do Papa para atacar ainda mais o regime na Nicarágua.

Deve ficar claro que isso acontece, pois Ortega faz parte de uma esquerda que, apesar de moderada, é inconveniente para o imperialismo. Uma completa oposição a figuras como Boulos, Boric, Haddad e Petro, representantes da “nova esquerda” identitária que, no final, não são verdadeiros inimigos da burguesia imperialista. Por isso, é imprescindível que a esquerda defende o governo Ortega, assim como fez Lula, e se coloque decididamente contra o imperialismo. Consequentemente, é preciso abandonar as ilusões que possui ao defender, até mesmo, o Papa, considerado, pela esquerda pequeno-burguesa, como um progressista.



O conjunto da esquerda nacional conseguiu bater mais um recorde e superar o grau de atuação política ridícula de todos esses 6 anos de estabelecimento de um regime político golpista no país. A boa nova em questão, são os atos de canonização do Tribunal Superior Eleitoral, que foram convocados pela tal campanha Fora Bolsonaro (que está mais para campanha Fica Bolsonaro).

Dá para acreditar que essas pessoas que aprovaram um pacote de R\$41 bilhões para Bolsonaro comprar votos nas eleições e deram poderes extraordinários para o miliciano com a aprovação de Estado de Emergência, estão de fato lutando contra um possível golpe de Bolsonaro?

Essas pessoas querem que a população saia às ruas em defesa de um Tribunal Superior Eleitoral que não fez absolutamente nada contra essa medida de fraude eleitoral ratificada pelo parlamento, com o voto de todos os partidos de esquerda com representação no Congresso Nacional.

Esse mesmo Tribunal Superior Eleitoral foi o pilar da fraude elei-

toral que colocou Bolsonaro à frente do Poder Executivo. Se não fizeram nada pela impedir Bolsonaro de chegar ao Palácio da Alvorada, se não moveram um dedo nos últimos quatro anos para retirar Bolsonaro e se não fazem absolutamente nada quando Bolsonaro supostamente ameaça dar um golpe militar, porque devemos sair em defesa da corte eleitoral que não tem pulso para julgar de acordo com a legalidade? Não foi esse mesmo TSE que teve a faca e o queijo nas mãos para cassar a chapa Bolsonaro-Mourão, e no fim das contas arregou? Porque o TSE não faz absolutamente nada contra o Alto Escalão das Forças Armadas, o Ministro da Defesa e o Vice-Presidente da chapa de Bolsonaro, que vem sucessivamente questionando o processo eleitoral e dando pitaco de como o mesmo deve ser conduzido?

Fomentar ilusão nesse tipo de coisa atualmente, apenas vai deixar o conjunto da militância e do povo trabalhador, de guardas baixas diante de qualquer tipo de manobra política que a burguesia e o judiciário fizerem daqui para frente. É necessário combater duramente essa posição capituladora!

BLOGS E COLUNAS

Gabriel Araújo

Esquerda convoca atos pela canonização do TSE



Herdeira do Itaú, Neca Setubal, discursa no pseudo ato pela “democracia”. - Foto: Cristiane Agostine - Valor Econômico, 2022

ESCOLHA DOS EDITORES

Perseguição judiciária

Prisão de Cristina Kirchner, a nova etapa do golpe na Argentina

Usar o judiciário para controlar o executivo tem sido uma prática constante desde o golpe em Honduras. Vimos isso no Brasil. Na Argentina, o modo de operação é o mesmo



Cristina Kirchner e Lula, dois políticos perseguidos pelo imperialismo pelas fraudes judiciais. – Foto: Reprodução - GGN

A perda de poder do imperialismo é notória desde a crise anterior a que vivemos hoje e que se iniciou em 2008. A anterior, que ocorreu na década de 70 do século passado, obrigou fortes intervenções nos países de desenvolvimento atrasado localizados ao sul da linha do Equador como América Latina, África, Oriente e Ásia. Essas intervenções ocorreram com a derrubada de governos por golpes de estado, implantando ditaduras sangrentas que foram patrocinadas por Washington, Otan e seus aliados na Europa. Hoje todos minimamente informados sabem desses processos.

A crise atual é mais intensa ainda, e o remédio aplicado é o mesmo. Derrubada de governos nos mesmos lugares para colocar outros que são mais ligados umbilicalmente ao imperialismo. É o caso do Lula e do PT no Brasil, da Cristina Kirchner na Argentina, Rafael Correa no Equador, e a lista segue em El Salvador, Peru, Honduras, Nicarágua, Cuba, Venezuela, etc. etc. etc.

Todos acusados de corrupção para poderem ser julgados pelos judiciários desses países, que adquiriram o status de centro de poder, passando por cima das Constituições e das leis, da independência de poderes, abolindo as liberdades individuais, em processos farsas-

cos que levam à prisão mesmo sem provas, por pura convicção os presidentes não alinhados ao poderio do Norte supostamente democrático e eficiente.

O objetivo é igualmente claro, tirar os candidatos preferidos pelo povo do páreo, para que os neoliberais aliados ao imperialismo cheguem ao comando das nações e possam assim entregar toda a riqueza e as indústrias nacionais ao capital estrangeiro monopolista.

Esse processo de estrangular os países em desenvolvimento em benefício do enriquecimento dos países desenvolvidos, os EUA e Europa tendo forte apoio do seu braço armado, a Otan, busca manter o mundo de joelhos diante do poder imperialista.

Depois de manterem o Lula preso por mais de 500 dias sem provas e ao arrepio da lei, o imperialismo volta ao ataque agora contra Cristina Kirchner com os mesmos argumentos, corrupção.

Investigada desde 2019 por suposta associação ilícita e crimes contra o estado, com pedido de prisão datado daquela época, por supostos atos praticados em seu governo entre 2007 e 2015 e no governo do marido Néstor Kirchner de 2003 a 2007. Nesta semana o “tribunal” volta a pedir sua prisão, acrescentando na pena que devia ser proibida de exercer cargos públicos e ter

sua fortuna confiscada, são mais de 5 bilhões de pesos argentinos, conforme matéria do portal imperialista Veja.

Estão querendo cassar seus direitos políticos, ou parte deles, e seu dinheiro, para não concorrer em eleições e nem apoiar nenhuma candidatura. Todos sabemos que participar de eleições despende muito dinheiro, e sem ele não há como concorrer seja como candidato ou como apoiador.

É o mesmo processo que sofre o Trump nos EUA, sendo ameaçado de ser preso por suposta posse de arquivos confidenciais do governo. O FBI vasculhou sua propriedade na Califórnia, sem conhecimento do atual presidente Joe Biden, segundo ele, e “encontrou arquivos” que não poderiam estar em sua posse.

Todos conhecem o processo de implantar provas para incriminar alguém, como colocar drogas, produtos furtados, etc. na mochila de alguém para depois abordar e prender. Devemos nos perguntar como suspeitaram que um ex-presidente da nação mais poderosa tivesse a posse de arquivos do estado? O sistema de vigilância lá é falho?

O que há de comum nesses processos que visam a prisão de presidentes e ex-presidentes? É que todos eles têm forte apoio popular e poderiam se eleger com facilidade, conforme as pesquisas eleitorais. Acontece com o Trump, a Cristina Kirchner, o Lula, e todos os demais. É como disse um político brasileiro, não pode concorrer, se concorrer não pode ganhar, se ganhar não pode governar, se governar precisa ser tirado do poder. Isso resume bem a situação desses políticos que contam com a simpatia do povo.

No caso da Argentina e nos demais países, a polarização decorrente da crise com a falta de condições mínimas de sobrevivência da classe trabalhadora, a tendência do povo é votar no presidente que acham que irá resolver o problema e o país possa voltar ao normal.

Assim a tendência é do povo votar em Cristina Kirchner, mas o imperialismo tem outros planos. Querem colocar um presidente que continue com a política neoliberal e assim manter a dominação imperialista, com a entrega do patrimônio argentino aos monopólios do imperialismo. Se essa política tiver sucesso, levará ao caos ainda maior, aumentando a polarização e a possível guerra civil e à revolução, se os trabalhadores se levantarem contra isso.

Nessas primeiras décadas deste século são cerca de 12 presidentes ou ex-presidentes destituídos, presos, foragidos ou envolvidos. Parte deles ligados ao processo da Odebrecht da operação Lava-Jato que prendeu o ex-presidente Lula, conforme matéria do portal imperialista Uol de agosto de 2018.

A crise é por demais gigante, e o imperialismo demonstra incapacidade de continuar a ditar as regras do comércio e da política internacional, como vemos na fuga desenfreada e vergonhosa das tropas americanas do Afeganistão, a incapacidade de enfrentar a Rússia na ação militar defensiva contra os EUA, Europa e Otan em território ucraniano, de enfrentar eficazmente a China na provocação em Taiwan.

O império está entrando em colapso total e é a hora de acabarmos com ele de vez. Para isso é necessário que a classe trabalhadora local e nos demais países acordem da inércia e saiam às ruas contra o imperialismo e assumam de vez o controle e administração do estado, implantando uma nova ordem mundial. A ordem dos trabalhadores no poder, por um mundo justo, igualitário e fraterno que a burguesia prometeu e ainda hoje não conseguiu cumprir. É a hora da virada dos trabalhadores, à luta companheiros!

ELEIÇÕES

Candidato indígena do PCO “Chega de genocídio, chega de assassinato, chega de massacre”

Conheça Magno Souza, o candidato do PCO ao governo do Mato Grosso do Sul. O vice-governador é o professor de História Carlos Martins



Magno de Souza, indígena guarani-caiouá de Dourados. - Foto: Reprodução

Na manhã desta terça-feira (23), o [candidato do Partido da Causa Operária ao governo do Estado do Mato Grosso do Sul](#) concedeu uma entrevista para a imprensa local, o *Diário Digital*, no programa Balanço da Manhã. [Magno de Souza](#), respondeu várias perguntas feitas pela entrevistadora Veruska Donato. Segundo ele, ter sido escolhido pelo PCO para representar o partido nas eleições de 2022, é “uma surpresa muito agradável”.

Representante não apenas do PCO, mas de todos os povos indígenas brasileiros, Magno de Souza comentou sobre os dados divulgados pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que apontam o Mato Grosso do Sul como o Estado que mais matou índios no ano de 2021. O candidato mora em Dourados, [em zona de conflito permanente](#) entre latifundiários, pistoleiros e policiais contra os indígenas Guarani-Caiouá.

“Nós esperamos entrar com pro-

vidências para acabar com esse massacre nas áreas indígenas, até nas não indígenas, porque muitos brasileiros também estão em áreas de conflitos. Isso não deveria acontecer, porque nós já perdemos muitos companheiros indígenas, então acho que nós poderíamos chegar num alcance de apaziguar, de Mato Grosso do Sul parar com essa criminalidade”, esclarece.



Em outras oportunidades, Magno de Souza já havia comentado

um outro problema grave que atinge a comunidade indígena em todo país, porém é mais grave no Estado onde ele é candidato a governador. MS hoje é líder, de acordo com a mesma pesquisa divulgada pelo Cimi, em suicídio entre jovens indígenas. O corrente nas eleições pelo PCO explica que esse tipo de situação entre a juventude indígena e não indígena é reflexo da atual situação em que vive o país. Principalmente pós-golpe de Estado.

“As vezes o jovem [indígena] vai para uma parte de fora da comunidade procurar emprego e ele não é aprovado, por conta do seu estudo. Inclusive, pensamos em colocar nas aldeias de Dourados um programa para gerar mais emprego, para eles trabalharem na aldeia mesmo, ajudarem a comunidade”, conta.

Vítima de centenas de ataques de armas de fogo de fazendeiros, pistoleiros até mesmo da polícia local, estadual e federal, Magno de Souza defende uma política clara para acabar com o terror que vive diariamente sua família e as comu-

nidades indígenas do Brasil afora. O candidato já perdeu as contas de quantos amigos e familiares já foram assassinados, cruelmente, pelo aparato repressivo do Estado e os inimigos regionais das populações indígenas.



Indignado, Magno, quer dar um basta nos crimes cometidos contra os povos indígenas, negros e pobres no país. “Chega de genocídio, chega de assassinato, chega de massacre. Ninguém merece ser morto, ser eliminado de uma forma sem poder se explicar”, declara. “Às vezes a gente pede uma segurança para nos atender e não vêm para conversar, eles chegam atirando. Então, eu acho que [a solução] é o fim da PM para poder comunicar com a população, porque a população não vai chegar com a arma dando um tiro para todo lado”, afirma.

Para além de todas essas denúncias, o candidato do Partido da Causa Operária quer acabar com os vestibulares de ingresso nas universidades de Mato Grosso do Sul. Segundo o candidato, o livre ingresso nas universidades ajudaria na geração de emprego e a dar um sentido de luta para a vida dos jovens, tanto índios quanto os não índios. “Alguns estudantes vão procurar serviço e não acham. Essa medida aumentaria a oferta por emprego”, conclui Magno de Souza.

Confira também a denúncia de Magno de Souza durante o Congresso do Partido da Causa Operária:



Candidata ao governo de MG

Lourdes do PCO: "estamos nos preparando para a revolução"

Lourdes Francisco é professora e ex-militante do Movimento dos Atingidos por Barragens

Em mais um episódio da série de entrevistas relativas às [eleições de 2022](#), o *Diário Causa Operária* entrevistou Lourdes Francisco da Costa, [candidata ao Governo](#) de Minas Gerais pelo [Partido da Causa Operária](#) (PCO). Professora, geraizeira e ex-militante do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragem), Lourdes integra o Coletivo de Mulheres Rosa Luxemburgo do PCO e participa dos Comitês de Luta, na defesa de Lula presidente, por um governo dos trabalhadores.

Confira a entrevista a seguir:

Diário Causa Operária: Pode começar contando um pouco sobre você? Sua história pessoal e sua história na política, na militância.

Lourdes Francisco: Eu sou uma militante – posso dizer – nata. Com a escola, onde eu sempre trabalhei, eu sempre levantei essa questão da participação política, da informação e da formação política dos alunos. Quando me aproximei do movimento social, que é o MAB [Movimento dos Atingidos por Barragens], eu intensifiquei essa luta. Fizemos ocupações, acampamentos, lutas dentro de capitais como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo e em outras cidades que conseguimos chegar.

Minha participação política parte, talvez, das dificuldades que vemos a classe trabalhadora enfrentar. Desde sempre, como trabalhadora, eu pensei que esse sistema em que nós vivemos nos explora e não nos dá saída alguma para a nossa sobrevivência e para o nosso próprio desenvolvimento.

Hoje em dia, dentro do PCO, fazemos uma política de partido, do Partido da Causa Operária, e buscamos sempre alertar o trabalhador, chamar o trabalhador para a luta e mostrar ao trabalhador a condição de exploração em que ele vive. Além disso, neste momento, estamos fazendo a luta para desmascarar e acabar com o golpe de estado que ocorreu em 2016 e resultou, em 2018, na prisão de Lula Até hoje, estamos nessa mesma campanha para desmascarar os golpistas e fazer com que o trabalhador volte a confiar mais na sua própria força de mudar o País.

O governo Lula pode dar a oportunidade, mesmo que pequena, para que o trabalhador se organize de novo, é isso que nós queremos. Finalmente, o programa do PCO é todo voltado à classe trabalhadora.

DCO: Você já foi do MAB, certo? O que você pode nos falar sobre a sua atuação nesse movimento, principalmente em relação ao que aconteceu em Brumadinho?

LF: Os acidentes que aconteceram, que eles chamam de acidente, na verdade não foram acidentes, foram crimes. O MAB atua nessas regiões fazendo uma campanha política, lutando, inclusive,



Lourdes foi lançada como candidata do PCO ao governo de Minas Gerais. – Foto: PCO

pela estatização dessas empresas como a Vale. Essas empresas que foram privatizadas agem precariamente a vida do trabalhador, sem uma preocupação com as questões ambientais e com o próprio perigo de vida que as pessoas enfrentam quando estão perto de uma barragem.

Para Brumadinho, em específico, o MAB atuou em várias assembleias, levando pessoas para se manifestarem e cobrando ações da justiça mineira. Fizemos a paralisação de rodovias como a BR 251, no norte de Minas, assim como acampamentos em Belo Horizonte, na Praça da Liberdade e na Assembleia Legislativa. Até hoje, estamos nessa mesma campanha para desmascarar os golpistas e fazer com que o trabalhador volte a confiar mais na sua própria força de mudar o País.

O MAB sempre orienta e faz a formação política das pessoas, inclusive das pessoas atingidas que não sabem onde buscar os seus direitos. É um espaço onde as pessoas atingidas e as não atingidas que estão, também, à mercê de uma barragem, ou de um projeto neoliberal, são orientadas e incentivadas a procurar os seus direitos.

DCO: Ficou claro que todos esses "desastres" foram ocasionados, em grande medida, pela política de privatização das empresas públicas brasileiras. Qual a política do PCO acerca desse ponto?

LF: A política do PCO em relação a essas empresas que causam crimes ambientais, é que elas sejam estatizadas, principalmente a Vale do Rio Doce. A estatização delas levaria a uma condição melhor para o trabalhador e uma preocupa-

ção, também, com as populações que são afetadas com a mineração desenfreada dessas empresas privatizadas.

São empresas, muitas vezes, internacionais, ou seja, não estão preocupadas com o bem-estar de ninguém, tampouco com a saúde da população. Sabemos que são geradoras de prejuízos e de crimes, pois não existe uma legislação para conter essas empresas e, quando elas são terceirizadas, e passam para a mão da iniciativa privada, nenhum governo, nem municipal, estadual ou federal, consegue resolver a situação.

DCO: Em Minas, a esquerda saiu bem dividida, com candidaturas da UP, PSTU, PCB e PSOL. Entretanto, vemos que o PT, assim como fez em outros lugares, abandonou sua candidatura própria. Qual o papel da sua candidatura dentro de tudo isso?

LF: O papel da minha candidatura no PCO se dá dentro do programa do PCO. O Partido se preocupa com suas candidaturas para que, durante as eleições, consigamos propagar o programa do PCO, que é combater o golpe de Estado em marcha no País. Queremos que as pessoas saibam o que aconteceu em 2016, o porquê daquele golpe na Dilma Rousseff. Nos preocupamos, também, com a prisão de Lula, que foi outro golpe, e fazemos essa denúncia sempre.

Nós, como candidatos do PCO, temos a obrigação de desmascarar os golpistas e tentar fazer uma

política com mais clareza, incentivando o trabalhador a ser protagonista dessa luta pela virada na situação do golpe no Brasil.

DCO: E sobre sua participação no Coletivo de Mulheres Rosa Luxemburgo. Pode nos falar alguns pontos do programa de vocês?

LF: Nosso programa para as mulheres está muito voltado aos direitos da mulher, à liberdade da mulher, para que ela possa ter uma evolução mais saudável dentro desse sistema. Uma das nossas lutas é pela legalização do aborto. É uma questão muito séria, não é como as pessoas que nos atacam dizem, que fazemos uma política de morte. É para que a mulher não seja criminalizada quando faz o aborto. Finalmente, ela tem direito sobre o corpo dela, ela pode decidir por si própria, principalmente em relação às mulheres pobres.

Para isso, é preciso ter uma política de saúde pública, com a qual as mulheres possam ser atendidas com humanidade no caso de um aborto, ou de outras questões relacionadas à mulher. A mulher precisa de políticas públicas de saúde para sobreviver a todos os ataques que o sistema capitalista desfere contra ela.

A questão da mulher, também, dentro do programa do Coletivo Rosa Luxemburgo, se dá no sentido de uma evolução da mulher rumo à revolução. No fim, nós estamos nos preparando para a revolução.

POLÍTICA

É a regra

Nas eleições, "fake news" é regra e fascista vira comunista

O mais direitista dos candidatos vira um socialista em campanha eleitoral



É hora do pastel. - Foto: Reprodução

Um dos candidatos ao governo de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), se "comprometeu" a isentar do pagamento de impostos a população em situação de extrema pobreza que vive no Estado. Isso mesmo, não foi **Edson Doria (PCO)** que cunhou esta frase, foi nada mais nada menos que o representante dos bancos e do imperialismo. Segundo o **candidato**, cada família poderia inscrever um número de Cadastro de Pessoa Física (CPF) em notas fiscais e o governo do Estado devolveria o imposto pago nessas transações comerciais.

Se prepare, leitor, para até o dia 2 de outubro ver todo tipo de direitista virar quase que um **socialista**, pois esse é o esquema eleitoral que vigora no País desde 1891, quando houve as primeiras eleições presidenciais. Virou até piada nacional, tanto é assim que o panfleto que vem com o rosto e número do candidato foi apelidado popularmente de "santinho", pois, nas eleições, todos são santos e querem o bem da população,

mas a esmagadora maioria da população sabe que só falam isso para se eleger e, depois de eleitos, não cumprem nada. É o reino das "fake news", mas o TSE, STF etc. não acham isso, dizem que as eleições no Brasil são perfeitas e que só Bolsonaro espalha mentiras pelo WhatsApp.

As fake news têm como maiores mestres os políticos da direita tradicional e, como principais difusores, os grandes conglomerados de comunicação. O diabo vira anjinho nas eleições para ganhar voto dos pobres, todos aqueles que têm nojo de pobre tiram foto comendo pastel no meio do povo. Tudo não passa de uma grande encenação. Nas eleições de 2018, Bolsonaro prometeu que, se eleito, diminuiria o preço do gás para 30,00 reais: "Ele [Fernando Haddad] diz que vai passar o preço do gás para R\$ 49. Eu quero que ele passe para R\$ 30. Agora, da mesma forma como Dilma [Rousseff] diminuiu a tarifa da energia elétrica lá atrás, onde você consumidor tem que pagar três vezes mais lá na frente por aquilo que deixou de pagar

lá atrás. Nós queremos sim diminuir o preço do gás, mas com seriedade. O máximo possível, mas com seriedade. Não na base da canetada enganando pessoas mais pobres que vivem realmente em uma situação bastante complicada. Sabemos que o preço do gás está batendo aí R\$ 75, R\$ 80. É um absurdo o preço do gás isso tudo. Vamos lutar para diminuir, mas não na canetada. Se não, o preço disso tudo vai recair em cima do colo dos mais pobres."

Quatro anos depois, o preço mais barato do gás de cozinha está R\$88 (na Bahia e Rio de Janeiro) e o mais caro R\$160 (em Santa Catarina). Bolsonaro não só não cumpriu a promessa como a situação piorou! Demonstrando que não passa de mera tentativa de imitação dos políticos burgueses tradicionais como Rodrigo Garcia, quando se trata do problema dos impostos para enganar a população, em 2018 Bolsonaro também prometeu mexer no Imposto de Renda caso fosse eleito:

"A proposta do Paulo Guedes do Imposto de Renda, eu até falei:

'Você está sendo ousado'. A proposta dele é o seguinte: quem ganha até cinco salários mínimos não paga imposto de renda. E, dali para frente, uma alíquota única de 20%."

Ou seja, com o salário mínimo em R\$1.212,00, só pagaria IR, segundo Bolsonaro, quem recebesse 6.060,00 reais. A realidade é que quem recebeu rendimentos tributáveis acima de R\$ 28.559,70 no ano anterior já precisa pagar o IR. Bolsonaro não mexeu uma vírgula nisso.

Outro aspecto do problema é que isso demonstra muito claramente que o povo sabe o que quer: comida, educação, saúde. Tudo isso de forma gratuita, não quer pagar imposto, quer que os ricos paguem — por isso esses candidatos, que são contra tudo isso que o povo quer, na eleição fingem ser a favor, ou seja, o povo quer reformas de caráter socialista, então para se eleger os políticos mais direitistas e até mesmo os capitalistas precisam apelar para a demagogia passando-se por pessoas preocupadas com as questões sociais e até mesmo fazendo propostas "socialistas" para ganhar votos. Porque se eles falarem o que realmente pensam, revelarem qual realmente é sua política (privatizar tudo, mandar a PM matar todos os pretos e pobres, entregar tudo ao imperialismo), eles não se elegem. Por isso essas mentiras são um dos principais instrumentos de fraude no Brasil.

Neste sentido todo o combate às chamadas "Fake News" não passa de uma cortina de fumaça dos monopólios da comunicação, eles não são contra as notícias falsas, apenas querem ser os únicos com poder de mentir em favor de seus interesses. A falsificação nas eleições faz parte da estrutura política nacional. Chamamos todos a votar e lutar nos candidatos do PCO, acesse nosso site "**PCO nas Eleições**" e conheça todos os nossos candidatos. Trabalhador vota em trabalhador, quem bate cartão não vota em patrão!



**CORRENTE SINDICAL NACIONAL
CAUSA OPERÁRIA**

CONTATOS:

(11) 98344-0068 (11) 996617-6178 (11) 98567-5847

